



MITOS E IDENTIDADES BRASILEIRAS: O SACI NO COTIDIANO ESCOLAR

MYTHS AND BRAZILIAN IDENTITIES: SACI IN THE DAILY SCHOOL

Welberg Vinicius Gomes Bonifácio¹

Resumo: Esse texto apresenta uma discussão a respeito da compilação do mito do Saci-Pererê enquanto símbolo da identidade nacional brasileira. Problematisa as representações atribuídas ao Saci buscando a intersecção entre esse mito, as estruturas racializadas que regem as posições sociais das pessoas no Brasil e suas implicações nos processos educativos escolares. Desse modo, objetivando possibilitar reflexões a respeito das implicações referentes ao trabalho com esse mito nos ambientes escolares. Para tanto, realiza revisão e análise bibliográfica de obras de Lobato (1994,2008), expoente responsável pela difusão do mito do Saci, bem como outros trabalhos que abordam o tema nas áreas de antropologia (QUEIROZ, 1987), literatura (BLONSKI, 2004) e educação para as relações étnico-raciais (LAJOLO, 1998).

Palavras-chave: Identidade nacional, Saci-Pererê, Racismo, Educação.

Abstract: This text presents a discussion about the compilation of the Saci-Pererê myth as a symbol of Brazilian national identity. It problematizes the representations attributed to the Saci, seeking the intersection between this myth, the racialized structures that govern the social positions of the people in Brazil and their implications in the school educational processes. In this way, aiming to make possible reflections about the implications regarding the work with this myth in school environments. In order to do so, he carries out a review and bibliographical analysis of works by Lobato (1994,2008), an exponent responsible for the dissemination of the Saci myth, as well as other works that deal with the subject in the areas of anthropology (Queiroz, 1987), literature (BLONSKI, 2004) And education for ethnic-racial relations (LAJOLO, 1998).

Keywords: National identity, Saci-Pererê, Racism, Education.

¹ Mestre em Ensino na Educação Básica (UFG), Especialista em Docência do Ensino Superior (FABEC), Licenciado em Pedagogia (ISEED) e Licenciado em Geografia (UFG). Professor efetivo da Universidade Estadual de Goiás onde é coordenador do curso de Pós-Graduação Lato Sensu em Interdisciplinaridade e Diversidade na Educação. E-mail: welbergvinicius@gmail.com

Introdução

A educação para as relações raciais tem como uma de suas bases legais a Lei 10639/03, que instituiu a obrigatoriedade do ensino de história e cultura afro-brasileira em todas as etapas da educação Básica. Essa Lei apresenta a disciplina de literatura como área prioritária para o trabalho com a temática racial. Nesse sentido, é que abordamos a importância de se refletir a respeito dos personagens negros na literatura brasileira. Desse modo, esse trabalho traz a tona algumas reflexões a respeito de um tema presente, mas pouco considerado no imaginário educacional brasileiro, que é o mito do Saci-Pererê.

Apresentamos uma análise sobre as origens e permanência do mito do Saci-Pererê enquanto elemento constituinte da cultura e da identidade brasileira, buscando uma interpretação ligada a questões que permeiam a formação do povo brasileiro, sobretudo aquelas que se referem às estruturas étnico-raciais hierarquizadas existentes em nosso território desde o período colonial.

Assim, propomos o desenvolvimento de uma análise relacionando os fatores que trouxeram à tona o mito do Saci-Pererê como uma representação da identidade nacional, sobretudo a partir da obra de Monteiro Lobato, os processos históricos de constituição dessa identidade, a estrutura étnico-racial brasileira e a visibilidade adquirida e perdida pelo mito do Saci-Pererê a partir do início do século XX até os dias atuais.

Por fim, apresentamos alguns questionamentos que podem servir de base para o levantamento de algumas hipóteses investigativas a respeito da real contribuição do mito do Saci-Pererê para a construção da identidade nacional, pensando em uma abordagem com o público infantil no ambiente escolar, estabelecendo uma relação com o caráter racial pejorativo que esse mito pode representar. Ou seja, se o "Saci na escola" contribui para a valorização da identidade nacional ou reforça estereótipos raciais de preconceito contra o negro?

O Saci: um mito brasileiro

O Saci possui características e interpretações distintas em diferentes regiões do Brasil, mas se populariza no território nacional

enquanto um moleque negro e pernetá que perambula pelos caminhos desertos.

O primeiro escritor a voltar suas atenções para a figura do Saci-Pererê foi Monteiro Lobato, que realizou uma pesquisa entre os leitores do jornal O Estado de São Paulo, intitulada de *Mitologia Brasileira - Inquérito sobre o Saci-Pererê*, no ano de 1917, Lobato colheu respostas dos leitores do jornal através de uma coletânea de cartas que recebia dos estados de Minas Gerais, Rio de Janeiro e São Paulo e que narravam depoimentos com versões do mito. Esse trabalho resultou na publicação de seu primeiro livro, *Saci-Pererê: resultado de um inquérito*, no ano seguinte.

A partir desse trabalho, o Saci passou a estar presente de forma significativa em diversas obras de Monteiro Lobato. Nas histórias do *Sítio do Pica-Pau Amarelo*, por exemplo, o saci aparece constantemente. Ele apronta peripécias, travessuras e também participa de diversas aventuras ao longo das histórias. Quando o *Sítio do Pica-Pau Amarelo* ganha as telas, na forma de série de televisão nas décadas de 1970 e 1980, a lenda se espalha por todo o Brasil. Passando a estar sempre presente no imaginário cultural brasileiro, o Saci se faz presente também em diversas obras de autores brasileiros, como Maurício de Souza, que em vários momentos traz o Saci às histórias em quadrinhos do personagem Chico Bento.

Na capa do livro *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito* de 1918 de autoria de Monteiro Lobato, que é ainda hoje um dos principais estudos desenvolvidos a respeito do mito do Saci, traz uma ilustração de José Washt Rodrigues que agrega características físicas em comum, presentes nos depoimentos coletados por Lobato e que podem ser observadas na Figura 1:



Figura 1 – Imagem da capa do livro *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito* de Monteiro Lobato.

Uma análise detalhada da ilustração é realizada por Blonski, que nos apresenta interpretações a respeito das características contidas na imagem:

Na cabeça tem o gorro vermelho, olhos também vermelhos e a boca apresentando dentes serrilhados, pontiagudos, vampirescos, numa alusão provável ao hábito do Saci de sugar o sangue dos cavalos. Sua expressão pode ser interpretada como irônica, zombeteira, e até um pouco maléfica. Tem o corpo de adulto, com uma perna só. Os dedos dos pés são apresentados abertos, mais animais do que humanos. Também podem ter sido apresentados dessa forma pelo hábito de andar sempre descalço e por longas caminhadas, o que deforma os dedos, engrossando-os e aumentando o espaço de um para o outro. Numa das mãos carrega uma espécie de pau, uma possível arma com que desfere bordoadas tanto em pessoas como em animais. Na outra mão, prende o costumeiro cachimbo aceso, fumegante. Ao seu redor folhas e traços que dão a impressão de movimento circular, como nos rodamosinhos, e também simbolizando o corpo em movimento (BLONSKI, 2004, p. 165).

O mito recebeu diversas influências e modificações, especialmente após migrar para o norte do país, as influências recebidas estão ligadas aos colonizadores e também a cultura africana. As representações mais comuns apresentam um garoto negro que possui apenas uma perna, faz uso de vestes e um gorro vermelho e cachimbo, que vive a realizar traquinagens e pequenas maldades por onde passa.

Diversas outras características são atribuídas ao mito do Saci-Pererê, como o fato de poder tornar-se invisível e também deslocar-se rapidamente dentro de um redemoinho de vento, nessa condição é possível capturá-lo jogando sobre ele uma peneira de palha e prendê-lo em uma garrafa de vidro, isso após ter lhe tirado o gorro vermelho, onde estão contidos os seus poderes.

Outro elemento importante a ser ressaltado é que o Saci-Pererê é um grande detentor dos conhecimentos das plantas da floresta, podendo utilizá-las para fabricar medicamentos e chás. É assim um guardião desses saberes e todos aqueles que necessitam entrar nas matas para coletar tais ervas, devem pedir a permissão a ele ou acabarão caindo

em alguma de suas traquinagens. Desse modo, "[...] Lobato apresentou aos brasileiros um mito com características ora demoníacas, ora cruéis, perpassadas por manifestações de ironia, de deboche e até mesmo laivos de bondade. Um perfil bastante variado, e, até certo ponto, controverso [...]" (BLONSKI, 2004, p. 167).

Uma questão importante a ser observada ao se fazer uma leitura dos relatos presentes nas cartas que compõem o inquérito realizado por Monteiro Lobato, é o fato de que mesmo que houvessem divergências a respeito da imagem do mito, estes apresentavam diversos pontos em comum, sobretudo em elementos que compõem as características físicas, de personalidade e comportamentais do Saci-Pererê.

As origens do mito do Saci-Pererê

De acordo com Queiroz (1987), é possível que o mito do Saci tenha surgido com os indígenas Tupis-Guaranis no sul do Brasil, que acreditavam que ele fosse como um apavorante guardião das florestas. A princípio, sua representação se dava a partir da imagem de um moleque pernetá, de cabelos avermelhados, encantador de crianças e adultos que perambulava por caminhos desertos e perturbava o silêncio das matas. Na obra de Queiroz está presente uma citação de Luis da Câmara Cascudo, que:

Registra também que o Saci teria vindo do sul, pelo Paraguai-Paraná, justamente a região tida como centro de dispersão dos Tupi-Guarani (CASCUDO, 1947: 139). Acrescenta que camponeses paraguaios informam sobre os Yací-Yateré, duendes vermelhos do tamanho de uma criança de sete anos, que costuma roubar o fogo dos acampamentos, pois não sabem fazê-lo (CASCUDO, 1947, p. 147). (apud QUEIROZ, 1987, p. 41).

Queiroz apresenta também a concepção de Souza Carneiro, que em seu livro *Os mitos africanos no Brasil*, aponta que "o nosso Saci seria, em essência, a versão nacional de um mito africano, o do Dudú-Calunga, meninote preto, pernetá e zarolho" (CARNEIRO, 1937, p. 253 apud QUEIROZ, 1937, p. 41).

Outros autores nos trazem outras possíveis origens para o mito, como é o caso de Lindolfo Gomes (1931, p. 107-108), que destaca que o

Saci-Pererê, *Tererê*, *Cererê* é um mito indígena complicado pelos 'povoadores' e africanos. De acordo com ele, o mito resulta da lenda recontada por Barbosa Rodrigues, no livro que recebeu o título de *Tapera da lua* (Jaci Taperê). E que a lenda refere ao caso de dois irmãos, irmão e irmã. Esta se apaixona por aquele e vivenciam uma relação incestuosa. Ao ser descoberta, a índia lança um conjunto de flechas para o ar formando uma única vara, sobe por ela e se transforma na lua, enquanto o irmão transforma-se em *mutum* (ave). Os colonizadores, ao encontrarem com os indígenas, têm contato com o mito Jaci Taperê, tentando explicá-lo promovem associações com outras mitologias resultando no Saci-Pererê, que seria uma imagem deturpada do mito anterior.

Os estudos apresentados nos permitem perceber a existência de elementos que apontam para diversas origens para o mito do Saci-Pererê e as possíveis influências que delimitaram as características desse ser mitológico. Assim, para Queiroz (1987, p. 42) "O mito do Saci constitui um verdadeiro amálgama de influências indígenas, africanas e portuguesas".

Dando segmento a interpretação, Queiroz traz ainda, uma citação de Amadeu Amaral, retirada do livro *Tradições Populares*, onde relata que "[...] o Saci marca um momento importante, uma encruzilhada da nossa viagem histórica. O Saci é talvez um símbolo [...]" (AMARAL, 1948, apud QUEIROZ 1987, p. 42).

É difícil determinar a origem exata do mito do Saci-Pererê, mas as interpretações das diversas possíveis origens mostram que existe uma intrínseca ligação entre diferentes grupos étnicos que compõem o povo brasileiro na compilação desse mito. Nesse sentido, Araújo, define o Saci enquanto "mito síntese" das então consideradas três "raças" que deram origem a "alma nacional" (1964, apud QUEIROZ 1987, p. 42).

O Saci e o nacionalismo brasileiro

Para dar início à análise da relação entre o mito do Saci-Pererê e suas contribuições para o desenvolvimento de uma cultura nacionalista no Brasil, apresento o exposto por Blonski a respeito da presença do *Saci* na obra de Monteiro Lobato. Segundo a autora:

O pioneirismo de Monteiro Lobato o fez privilegiar o Saci-Pererê como símbolo do espírito nacional, uma espécie de produto da fantasia imaginativa das três raças formadoras do povo brasileiro, importante mito da Cultura Popular e do Folclore. O Saci inscreve-se num tema que pertence às raízes e ao patrimônio cultural do Brasil. Sua função é, principalmente, contribuir para a preservação da cultura brasileira. Ao resgatar o mito do Saci-Pererê, Monteiro Lobato o cerca de características brasileiras, utilizando não apenas suas próprias pesquisas, mas os depoimentos que obteve por ocasião do inquérito realizado através do jornal O Estado de São Paulo. Nesse momento, preocupado com o nosso desenraizamento cultural, resgata para o povo urbano a sua consciência original, que se encontrava enfraquecida em decorrência da grande infiltração das ideias europeias (BLONSKI, 2004, p.164).

No livro de Monteiro Lobato está presente também um depoimento intitulado como "do próprio Saci", enviado por alguém da *Várzea do Carmo* (denominação de uma das zonas centrais da cidade de São Paulo), e que apresenta uma crítica à forte presença da cultura europeia no imaginário brasileiro, em detrimento às culturas nacionais. Tal depoimento traz a seguinte declaração: "Aqui, nos arredores da Paulicéia, por onde ando 'paraparando' desde que fui expulso da cidade pelas histórias da carochinha e dos anões cervejeiros da nebulosa Germânia [...]" (LOBATO, 2008, p. 157).

As inquietações de Monteiro Lobato no que se refere à busca pelo resgate ou construção de uma identidade nacional, resultam das transformações ocorridas na economia e geopolítica mundial no início do século XX e que interferiram diretamente nas configurações espaciais do Brasil. Pois, a partir desse período, o país passa a estar gradualmente mais integrado às estruturas econômicas e geopolíticas mundiais, o que acaba por contribuir para reforçar a europeização da cultura brasileira e para o distanciamento para com as culturas tradicionais do território nacional. Para Lobato, o Saci-Pererê poderia ser assim um ponto de partida para esse trabalho de valorização e resgate cultural.

Blonski, ao se referir ao *inquérito* produzido por Monteiro Lobato, relata que o livro "[...] representou uma espécie de depoimento-denúncia de reafirmação da sua luta nacionalista, que se serviu, nesse caso, dos relatos dos depoimentos para estimular o nascimento de uma consciência nacional [...]" (BLONSKI, 2004, p. 166). Assim, evidenciava-

se a importância e a necessidade de buscar mecanismos para o resgate e valorização das culturas tradicionais brasileiras e o mito do Saci poderia exercer um importante papel para a concretização desse ideário defendido por Lobato.

A presença do racismo no mito do Saci-Pererê

Subsequentes, aos trabalhos de Monteiro Lobato, surgiram diversas outras produções de trabalhos que apontam para a construção do mito do Saci, como ente integrante da produção da identidade nacional, como os escritos de Queiroz (1987) e os diversos autores citados anteriormente, como Amaral (1948) Araújo (1964) e Gomes (1965).

Queiroz, a partir da síntese de suas análises, discute e apresenta algumas das contradições dessa busca pela construção da identidade nacional e as contribuições do mito do Saci para tal, destacando que:

[...] a ênfase, que antes incidia sobre a busca de contribuições étnicas particulares presentes na configuração do mito, começa a ceder terreno a um outro tipo de reflexão, isto é, àquela que procura encontrar a especificidade do mito, definindo-o como produto da fusão de contribuições diferentes que dão origem a uma nova síntese, expressão do "sentimento nacional". Contudo, esses autores esquecem que, no Brasil, índios brancos e negros jamais puderam conviver em situações de igualdade, e que tampouco partilharam seus respectivos patrimônios culturais de forma desinteressada e generosa. Torna-se, assim, no mínimo duvidosa a questão do "sentimento nacional" tal como colocada pelos autores. Seria mais prudente esperar que as narrativas que tratam do Saci (assim como aquelas relativas a outros personagens, míticos ou populares) expressassem muito dos problemas, das ambiguidades e das contradições existentes no interior de uma sociedade hierarquizada, multirracial, com um passado escravista e profundamente desigual como a brasileira (QUEIROZ, 1987, p. 43).

Os ideais de nacionalismo defendidos por autores como Monteiro Lobato, procuraram se valer do mito do Saci-Pererê, porém

tiveram dificuldades de se consolidar e manterem-se presentes de forma plena no imaginário brasileiro, em virtude dos violentos processos históricos de origem de seu povo, a partir de moldes etnocêntricos que excluíram, segregaram e exterminaram diversos grupos étnicos. Esses processos ocasionaram o desenvolvimento não de uma cultura nacional, mas sim de diversas culturas específicas, muitas delas existentes até hoje, resultado das lutas cotidianas dos grupos as quais originam. Temos assim, uma configuração cultural muito diversificada, mas em grande parte imiscível nos espaços geográficos brasileiros e que são compostos por identidades culturais específicas.

A própria representação do Saci-Pererê pode ser considerada enquanto pejorativa no que se refere à inferiorização da imagem do negro no território brasileiro. Sobre isso, Queiroz relata que o Saci é sempre negro e suas características físicas possuem "[...] elementos cristalizados nas representações coletivas, deformadas e preconceituosas, definidoras do negro brasileiro como ser inferior, próximo à animalidade, portador de atributos maléficos [...]" (1987, p. 58).

A exemplo do exposto, podemos citar diversos trechos dos relatos presentes no livro de Monteiro Lobato, *O Saci-Pererê: resultado de um inquérito*, e que estabelecem uma associação de elementos dos fenótipos negros à imagem pejorativa no Saci. No *depoimento de numero dois*, é relatado que "Ele [o Saci] era um negrinho muito magro, muito esperto, de uma perna só, do tamanho de um menino de 12 anos, muito feio, banguela, olhos vivos, rindo sempre um riso velhaco de corretor de praça, carapinha grande, a saltar e a saltar e a fazer peraltagens ruins" (LOBATO, 2008, p. 45). No *depoimento do senhor Miguel Milano*, ele argumenta que "[...] o Saci não passava de um miúdo negrinho – cara de macaco, muito delambido –, filho do diabo, dotado de uma perna só, com calda regular e que desenvolvia a velocidade superior a de um cavalo" (LOBATO, 2008, p. 82). O *senhor João Corisco*, em seu depoimento afirma que o Saci "[...] era um pretinho de um metro de altura, uma perna só, vestido com um calção de baeta vermelha, [...] nariz adunco, barbinha de bode preto, e as unhas das mãos muito compridas. Foi assim que comecei a conhecer o 'capeta' o Saci dos tempos idos" (LOBATO, 2008, p. 105). O *senhor Fabrício Junior*, em seu depoimento conta que o Saci possui "Meio metro de altura, a barba como a de um bode, negro como um urubu, uma perna única apoiando o pé caprino, olhos grandes e vermelhos, boca aberta sempre num sorriso sarcástico e mau [...] dentes alvos e pontiagudos" (LOBATO, 2008, p. 169). No

depoimento de "César", as informações presentes eram de que o Saci "[...] era um moleque de tamanho de um menino de 12 anos, muito preto, de cabelo pixaim, olhos vivos – pequeninos e vermelhos; era esguio, tinha uma perna só [...]" (LOBATO, 2008, p. 247). Por fim, no *depoimento do senhor Fonseca Sobrinho* é relatado que "De resto é bonito o Saci? É horrível! A cara quadrada é de preto velho que já ultrapassou os cem janeiros; no meio do fasto carão, lá está implantado o nariz formidável que, de tão chato, até parecer ter sido amassado por uma valente punhada [...]" (LOBATO, 2008, p. 300).

Uma crítica às representações pejorativas do Saci-Pererê faz-se presente no "depoimento do próprio Saci" (já mencionado anteriormente) no livro de Monteiro Lobato, onde segue o seguinte argumento;

Gostei um pouco do que ela dizia [folha do *Estadinho*] no primeiro número, mas enquizilei com o retrato. Não está nada parecido [...]. Li depois os outros Estadinhos, que falavam da minha pessoa e mais 'danado' fiquei porque era só xingação contra mim. Chamam-me negro 'uniperne', malvado, feioso [...] (2008, p. 157).

As mais significativas aparições do Saci na literatura e na mídia se dão a partir da obra "Sítio do Pica-pau Amarelo" de autoria de Monteiro Lobato, onde é possível perceber uma estrutura racializada da hierarquia dos personagens. Os negros aparecem em posições sociais subalternizadas, como é o caso da "Tia Nastácia" que é a cozinheira da casa e o "Tio Barnabé", um preto velho que é uma espécie de zelador do Sítio. Ao desenvolver um estudo que aborda a posição social de Tia Nastácia, Lajolo destaca que ela: "desfruta da afetividade da matriarcal família branca para a qual trabalha e, [...] apesar de suas breves mas muito significativas incursões pela sala e varanda, encontra no espaço da cozinha emblema de seu confinamento e de sua desqualificação social" (1998, p. 23).

Nesse sentido Queiroz, traz uma interpretação da hierarquização das representações étnicas no território brasileiro a partir do exorto de Florestan Fernandes, onde diz que:

Segundo esse autor, o Saci seria, em grande parte, o produto da "africanização" de um duende ameríndio. Tal processo de "africanização" nos faria observar as consequências advindas "...da

reação do negro sobre os elementos dos folclores ibéricos e indígenas e mostram que relativamente ao folclore do branco, *há uma transferência das piores situações para o negro, que passa para um plano que poderia-mos considerar inferior*" (FERNANDES, 1960 apud QUEIROZ 1987, p. 42).

O Saci na literatura infantil

Sobre as representações do Saci-Pererê que constam no *Inquérito* de Monteiro Lobato (1918), pesam as imagens negativas, que hora chegam a ser aterrorizantes. Era preciso buscar mecanismos para que esse mito se tornasse mais aceitável aos olhos do povo brasileiro, pois "Era necessário incentivar nos jovens o entusiasmo e a dedicação às causas brasileiras e ao País, o culto pelas origens e o amor pela terra, com destaque para a vida na zona rural, no campo, tão importante quanto a vida urbana" (BLONSKI, 2004, p. 167). O Saci poderia trazer significativas contribuições para esse processo.

Para isso, a estratégia adotada por Lobato consistiu em recriar a imagem do Saci de forma mais palatável aos interlocutores, sobretudo no que se refere ao comportamento e a personalidade, a proposta do autor possuía um foco específico voltado ao público infantil com um intuito de contribuir para uma educação nacionalista, fatos esses que também são evidenciados por Blonski:

Monteiro Lobato, no livro *O Saci*, publicado pela primeira vez em 1921, recria a personagem, suavizando-a. O nosso herói aparece, agora, com estatura de criança e atitudes brincalhonas, travessas. Suas peripécias são vividas no Sítio do Pica-Pau Amarelo. [...] Todos os episódios são mesclados pelo surgir de outros mitos folclóricos, acompanhados da respectiva explicação, muitas vezes pormenorizada pelo próprio Saci, que ocupa o papel de regente principal dos acontecimentos. Este papel o coloca na posição de herói, de certa forma reabilitando-o de ações maléficas que os depoimentos do *Inquérito* lhe atribuíam, e mesmo das pequenas diabruras que fazia. Monteiro Lobato, desta forma, lembra-nos a dualidade bem/mal existente nas criaturas, bem como a possibilidade da retratação do mal através dos atos generosos, das boas ações. Coloca o Saci, inclusive, numa categoria privilegiada entre os mitos no Brasil. Justifica-se, assim, não apenas sua

curiosidade ligada às memórias da infância, mas também o interesse do adulto estudioso e pesquisador (2004, p. 168).

A aparência física do Saci também se torna mais agradável aos olhos, pois passa a ser retratado sem várias das características "demoníacas" que faziam se presente nos relatos do *Inquérito* e também da imagem que compunha a capa do respectivo livro. A figura (2) a seguir, apresenta essa nova imagem criada por Lobato e que é a atual representação do saci no imaginário nacional. Ao compararmos a mesma com a *Figura 1* vemos o quanto foram significativas às alterações, pois o moleque pernetá perdeu aquele caráter antes aterrorizante:



Figura 2 – Imagem retirada do livro *O Saci* de Monteiro Lobato.

Na obra *O Saci* de Monteiro Lobato, onde ele refaz o personagem, diminuindo a imagem negativa do ser mitológico, o autor

utiliza-se de um diálogo entre dois personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo, o Tio Barnabé e Pedrinho, em que o primeiro descreve o pequeno ao segundo da seguinte forma:

O Saci – começou ele – é um diabinho de uma perna só que anda solto pelo mundo, armando reinações de toda sorte e atropelando quanta criatura existe [...] Azeda o leite, quebra a ponta das agulhas, esconde as tesourinhas de unha, embaraça os novelos de linha, faz o dedal das costureiras cair nos buracos, bota moscas na sopa, queima o feijão que está no fogo, gora os ovos das ninhadas. Quando encontra um prego, vira ele de ponta pra riba para que espete o pé do primeiro que passa. Tudo que numa casa acontece de ruim é sempre arte do Saci. Não contente com isso, também atormenta os cachorros, atropela as galinhas e persegue os cavalos no pasto, chupando o sangue deles. O Saci não faz maldade grande, mas não há maldade pequenina que não faça (LOBATO, 1994, p. 18).

Essa suavização da imagem do Saci torna-se ainda mais evidente, com a produção do primeiro filme brasileiro voltado ao público infantil, *O Saci*, dirigido por Rodolfo Nanni e baseado na obra de Monteiro Lobato, *O Saci*, de 1921 e que foi a primeira adaptação audiovisual dos escritos desse autor. No filme, que narra aventuras vivenciadas por personagens do Sítio do Pica-Pau Amarelo, o Saci aparece enquanto amigo de Pedrinho (personagem neto de Dona Benta, a proprietária do Sítio) e também se torna herói, ao ajudar o menino a libertar Narizinho (neta de Dona Benta) de um feitiço colocado pela bruxa Cuca. Tal representação acabou por se popularizar, sobretudo após a exibição da série de televisão *Sítio do Pica-Pau Amarelo* baseada na obra de Monteiro Lobato e que traz essa imagem atenuada do Saci-Pererê.

Monteiro Lobato na sua busca pela valorização da cultura nacional e do folclore brasileiro incluiu como personagens de suas histórias, diversos mitos nacionais, dentre eles o Saci, sendo esses uma base para o desenvolvimento de suas obras voltadas para o público infantil, que apresentava sempre caráter formativo e educativo. Ao destacar esses personagens, Lobato, procurou conferir uma nova percepção em favor do nacionalismo brasileiro. Ao dar enfoque a uma literatura voltada para crianças e jovens, visava promover o

desenvolvimento de uma educação que primava pelos elementos que compõe as culturas aqui existentes.

Monteiro Lobato, ao longo de muitas de suas obras, retratou personagens como o Saci-Pererê e outros exemplos da cultura popular e do folclore brasileiro como Jeca Tatu. Desse modo, procurou proporcionar ao povo desse país, uma percepção a respeito de sua nacionalidade, dedicando parte de sua vida a essa causa. Para Lobato, o Saci-Pererê contribuía significativamente para revelar a "alma brasileira". Assim, o trabalho desse autor tinha como centralidade o surgimento de algo que constituísse um sentimento de pertencimento que nos definisse enquanto brasileiros.

Considerações Finais

As discussões tratadas ao longo desse artigo nos permitem desenvolver uma série de reflexões a respeito das contribuições do mito do Saci para a consolidação de uma identidade nacional, pensando a respeito do trabalho e dos impactos positivos e negativos da temática em questão no ambiente escolar, partindo de alguns questionamentos que levam a pensar se o "Saci na escola" realmente contribui para a identidade nacional ou se ajuda a reforçar os preconceitos de raça contra o negro. Essas indagações podem servir de base para viabilizar a abertura de novas pesquisas a respeito da temática em questão no ambiente escolar.

Para a construção de uma identidade cultural que revele os laços de pertencimento de um indivíduo a um povo ou grupo, é preciso que ele conheça a história e a cultura as quais está inserido e a escola exerce um papel fundamental nesse processo.

Isso talvez denote que a consolidação do Saci como um dos significativos representantes do folclore e da identidade nacional possa ser positiva. Podemos identificar algumas iniciativas que caminham nesse sentido, como a criação em caráter nacional do Dia do Saci (31 de outubro) no ano de 2005, tendo com objetivo a diminuição da importância da comemoração do Halloween no Brasil, sendo assim, uma forma de valorizar mais o folclore nacional, diminuindo a influência da cultura norte-americana em nosso país.

Dessa forma, as reflexões aqui tratadas também podem instigar a pensar metodologias para trabalhar com o mito do Saci nas escolas, a

partir de uma perspectiva que contribua para a formação dos educandos de modo que estereótipos raciais sejam desconstruídos na mentalidade de crianças e jovens.

Referências

BLONSKI, Miriam Stella. Saci, de Monteiro Lobato: um mito nacionalista. **Em tese**. Belo Horizonte, v. 8, p. 163-171, 2004.

GOMES, Lindolfo. **Contos Populares Brasileiros**. 2ª. Edição, São Paulo, Editora Melhoramentos, 1948.

LAJOLO, Maria. A figura do negro em Monteiro Lobato. **Presença pedagógica**, v. 4, n. 23, p. 23-31, 1998.

LOBATO, José Bento Monteiro. **O Saci**. São Paulo: Brasiliense, 1994.

LOBATO, José Bento Monteiro. **O Saci-Pererê: Resultado de um Inquérito**. São Paulo: Globo, 2008.

QUEIROZ, Renato da Silva. **Um mito bem brasileiro: estudos antropológicos sobre o Saci**. São Paulo: Polis, 1987.

Recebido: 15/05/2017

Aprovado: 20/07/2017